

# De combatentes a vítimas da “Causa”: deserções da insurgência no Norte de Moçambique<sup>1</sup>

Rufino Siteo\*

pp. 143-156

## Introdução

Em outubro de 2017 foram iniciados ataques extremistas em Mocímboa da Praia, na Província de Cabo Delgado, por um grupo localmente chamado por Al-Shabaab e conhecido na esfera intelectual como Ansar al-Sunna. Tais ataques, iniciados por pouco mais de trinta homens usando armas brancas, aos quais o governo insistentemente referia como “meros bandidos”, rapidamente evoluíram para uma insurgência com capacidade de desestabilizar toda a província de Cabo Delgado, causando mais de um milhão de deslocados e cerca de quatro mil mortes, para além da destruição de infra-estruturas, paralisação dos projetos de exploração de gás natural e controlo provisório de alguns distritos no nordeste de Cabo Delgado, como Quissanga. O grupo cresceu de tal forma que a sua expansão só foi contida em 2021 após esforços conjuntos das Forças de Defesa e Segurança (FDS) de Moçambique, apoiadas pelas Forças de Defesa do Ruanda (FDR) e pela Missão da África Austral em Moçambique (SAMIM), depois do fracasso registado por Empresas Militares Privadas (EMP), como o Wagner Group, da Rússia, em 2019 e Dyck Advisory Group (DAG), da África do Sul, em 2020.

O rápido crescimento do grupo deveu-se a um processo muito bem-sucedido de mobilização de atores locais para a insurgência que as evidências mostram ter iniciado mesmo antes dos ataques em 2017. Esta mobilização fez a insurgência crescer dos poucos mais de trinta combatentes no seu início, em 2017, para cerca de 2500 homens no seu ponto mais alto, em 2020. Entretanto, a partir de 2021 registou-se uma tendência contrária de perda de membros por parte do grupo. Este artigo analisa as circunstâncias específicas que levaram a este processo de desmobilização tendo como referência as discussões mais amplas da literatura sobre a desmobilização ou desengajamento em grupos insurgentes.

O artigo foi desenvolvido com base numa abordagem mista, porém predominantemente qualitativa, assente numa revisão de literatura e entrevistas semi-estruturadas como principal ferramenta de coleta de dados. As entrevistas foram conduzidas tendo como

<sup>1</sup> <https://doi.org/10.21747/0874-2375/afr42a8>

\* Centro de Estudos Africanos, Universidade de Basel, Suíça; e Universidade Joaquim Chissano, Escola Superior de Relações Internacionais, Moçambique.

1 Os dados para este artigo foram coletados no âmbito da implementação do Projecto de Paz e Estabilidade no Norte de Moçambique (*Peace and Stability Mozambique Project - PSMP*), liderado pela TAG International.

grupo-alvo antigos membros da insurgência e familiares de membros da insurgência nos distritos de Mocímboa da Praia, Palma e Macomia. No total, foram entrevistadas cerca de 28 pessoas durante o mês de fevereiro de 2024.

O artigo inicia por capturar os principais momentos de mobilização ao extremismo violento em Cabo Delgado, identificando os fatores determinantes no processo, e conclui por analisar o processo de desengajamento ou desmobilização, tendo como referência o que a literatura discute sobre o processo, com ênfase nos fatores “*push and pull*”. Deste modo, o artigo contribui para o enriquecimento da literatura, essencialmente escassa, sobre o processo de mobilização e desmobilização em grupos extremistas violentos, com particular destaque para o Norte de Moçambique, onde ela é quase inexistente.

## Contornos da Mobilização ao extremismo violento no Norte de Moçambique

A literatura geral sobre o engajamento em atividades extremistas radicais é discutida sob diversas lentes, desde as que dão ênfase aos fatores psicológicos a outras que exploram fatores sociológicos, incluindo aspetos de economia e política dentro de uma sociedade. Deste modo, há quem se poderia juntar a grupos extremistas movido por desejos de vingança contra indivíduos ou outros atores da sociedade; há quem também poderia fazê-lo como mecanismo de defesa de uma cultura, religião, etnia ou grupo social que os perceba como estando sob ameaça; ou ainda, há quem o faz buscando pertença a um grupo e acaba desenvolvendo atitudes extremistas já estando no grupo, como acontece com os jovens de extrema direita no Norte da Europa (Chowdhury & Hearne, 2008: 3; Rocca, 2017: 661; Siteo, 2020: 68-71). De modo geral, Stern (2016) defende que as pessoas se juntam a grupos terroristas porque, em certa medida, concordam com os objetivos do grupo, são persuadidas por familiares e amigos ou se sentem atraídas pelos benefícios oferecidos pela participação, que podem ser espirituais, emocionais ou materiais. Não obstante, o mesmo autor reconhece que há situações, mais incomuns, em que os indivíduos se juntam a grupos extremistas porque *veem a jihad como uma maneira ‘fixe’ de expressar insatisfação com uma elite de poder, seja essa elite real ou imaginária, seja o poder detido por monarcas totalitários ou por líderes democraticamente eleitos* (ver p. 106). Portanto, são várias as razões que levam as pessoas a se mobilizarem ou a serem mobilizadas ao extremismo violento, tais razões podendo variar de acordo com as circunstâncias específicas dos indivíduos e do contexto sociopolítico em que estes se inserem.

No Norte de Moçambique, com destaque para a província de Cabo Delgado, a mobilização ao extremismo violento e engajamento na violência, de forma geral, tem sido um fenómeno discutido por vários autores a partir de uma perspectiva de causas ou impulsionadores da violência (CEEI, 2021: 22; Habibe *et al.*, 2019: 21; International Crisis Group, 2021: 3; Lucey & Patel, 2021: 8; Maquenzi & Feijó, 2019: 3; Morier-Genoud, 2020: 397). Nestas discussões, constituem linhas de consenso que os acentuados níveis de pobreza e desemprego, a marginalização étnica, as desigualdades no acesso aos recursos, a ausência do Estado e porosidade de fronteiras, bem como, os baixos níveis de alfabetização e formação profissional, constituem vetores de força no engajamento ao extremismo violento. Deste modo, o grupo aproveitou-se destas circunstâncias para se estabelecer, mobilizar e expandir, inclusive além da Província de Cabo Delgado. Nalguns estudos menos comuns, como o de Chichava (2023) sobre Jorginho, procura-se destacar o trajeto de mobilização ao extremismo violento a partir de experiências particulares de indivíduos radicalizados ou que fizeram parte do grupo. No perfil de pessoas como Jorginho sobressaem elementos de radicalização islâmica através da exposição a indivíduos radicalizados em espaços laborais e de comércio provenientes de outras partes do continente, com destaque para a Tanzânia.

Com base na diversa literatura disponível e entrevistas conduzidas nas províncias de Cabo Delgado e Nampula, procurou-se sistematizar o processo de mobilização ao extremismo violento no Norte de Moçambique desde a sua fase incipiente, antes de 2017, até meados de 2024. No processo, procurou-se capturar as principais tendências e os fatores de impacto na oscilação das tendências. O resultado chegado é que a mobilização ao extremismo violento naquela região pode ser estruturada em 4 momentos-chave: **i)** Antes de outubro de 2017: antes dos primeiros ataques; **ii)** 2017-2021: antes da Intervenção das Forças Internacionais; **iii)** De 2021 a dezembro de 2023; e **iv)** Depois de dezembro de 2023: novas tendências?

### a) Antes de outubro de 2017: antes dos primeiros ataques

A preparação da insurgência em Cabo Delgado pode ser dividida em dois momentos críticos: o recrutamento e a radicalização dos recrutadores; e o recrutamento de combatentes. Na primeira fase, tratava-se daqueles que mais tarde se tornariam líderes da insurgência e recrutadores nos seus distritos de origem – a maioria deles eram de Mocímboa da Praia. O perfil geral dessas pessoas é que elas eram envolvidas com base em seu grau de crença islâmica e aspetos complementares, como inteligência, habilidades de negócios ou experiência militar. É por isso que, ao traçar o perfil destes, os relatórios destacam o facto de que essas pessoas se conectaram ao extremismo islâmico por meio de mesquitas aonde iam regularmente. As mesquitas *wahabitas* da *Africa Muslim Agency* muitas vezes aparecem como sendo o ponto de convergência. Alguns deles até receberam bolsas de estudo para continuar seus estudos islâmicos no exterior. É o caso de Bonomade Omar, ou Ibn Omar, que tinha completado o Serviço Militar Obrigatório e servido na Marinha de Pemba. Omar se destacou entre seus companheiros por sua inteligência e devoção religiosa islâmica<sup>2</sup>. Outro caso é o de Abdala Likonga, um empresário de sucesso e crente fervoroso<sup>3</sup>. Esses primeiros recrutas tiveram passagens por muitos países, incluindo a República Democrática do Congo, o Quênia, a Tanzânia e a Arábia Saudita, onde aprenderam mais sobre a ideologia, receberam treinamento em operações insurgentes e, mais tarde, se encarregariam de estabelecer as bases em termos de identificação, atração e recrutamento de pessoas para realizar a insurgência (Habibe *et al.*, 2019: 11). Bonomade tornou-se um comandante muito respeitado na insurgência.

Muitos relatos dessa etapa, inclusive em nossas entrevistas, dão grande importância ao papel dos líderes e pregadores da Tanzânia, como o Sheik Assane, que desempenhou o papel de líder espiritual da insurgência e trabalhou no recrutamento de combatentes localmente. Morier-Genoud (2020) aponta ainda um (líder) queniano que acabou por ser deportado juntamente com um líder tanzaniano após se envolver em violência contra agentes da polícia em Mocímboa da Praia.

Esta primeira rede de recrutas preparou-se para os ataques de outubro de 2017 em Mocímboa da Praia através do estabelecimento de empresas e redes de negócios, mesquitas e expansão desta rede de mesquitas em toda a província de Cabo Delgado. Bonomade Omar, por exemplo, depois de regressar a Moçambique, começou a abrir mercearias, centros de recarga para telemóveis, jardins de infância e outros tipos de investimento em Macomia e Mocímboa da Praia, empregando jovens locais (Omar, 2021). Ao mesmo tempo, iam criando vínculos com alguns comerciantes locais e abrindo esquemas de financiamen-

2 Veja. [Em linha]. [Consult. ago.2024]. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/cabo-delgado-bonomado-omar-a-paradoxal-combina%C3%A7%C3%A3o-de-terrorista-e-justiceiro/a-58884799>.

3 Veja . [Em linha]. Disponível em: <https://cjimoz.org/news/lifting-of-the-fog-reveals-ring-leaders-behind-cabo-delgado-terrorism/>.

to que seriam reembolsados na forma de serviços à insurgência, seja financiando suas atividades, recrutando novos membros, fornecendo informações estratégicas ao grupo, protegendo membros durante a guerra, apoiando sua logística ou, o mais importante, participando diretamente como soldados na insurgência. Os recrutamentos e seduções eram frequentemente feitos em mesquitas locais, onde pregavam mensagens da *jihad*, oferecendo incentivos financeiros para muitos jovens iniciarem negócios na forma de dívidas que eventualmente teriam que pagar. No final dos cultos, de acordo com nossas fontes em Mocímboa da Praia, às pessoas eram oferecidos 200 meticais<sup>4</sup>. Complementando este processo, a estratégia de recrutamento foi posteriormente sofisticada, passando a ser realizada em alguns locais de entretenimento e aglomeração de jovens desempregados, onde os recrutadores pagariam as contas de rapazes carenciados e dispostos a ter algum dinheiro para cuidar de si e dos seus entes queridos (Omar, 2022).

Nesse perfil de radicalização, há histórias de jovens de outras províncias que se juntariam ao grupo, como é o caso de Maulama Cassimo, ex-funcionário público na Província do Niassa que deixou o emprego para seguir a *Jihad*, onde ganharia mais do que o seu atual salário de servidor público (Feijó, 2021). Uma fonte anónima revelou que alguns nomes de jovens aliciados por dinheiro receberiam 45.000 meticais cada um deles<sup>5</sup>. As ofertas em dinheiro em outras entrevistas são apresentadas em montantes diferentes, o que significa que não era oferecido um valor consistente, especialmente considerando que houve quem recebeu mais e outros menos, conforme partilham as fontes consultadas.

Como mostrado anteriormente, esse processo não foi aleatório. Para selecionar seus membros, os insurgentes avaliavam o perfil psicológico e social das pessoas que queriam que se juntassem à insurgência, inclusive por meio de consultas nos mercados locais de tal forma que o grupo buscava saber qual era a renda diária de seus negócios e se a pessoa tinha mais estoque para alavancar sua atividade comercial<sup>6</sup>. Dependendo do nível de vulnerabilidade e inclinação ideológica, eles os convidavam para uma mesquita no final do dia para receber uma doação em dinheiro após as orações e pregações<sup>7</sup>. Em outras formas, eles ligavam para a pessoa e mostravam quais são os benefícios e vantagens de fazer parte do grupo ... Eles ofereceram dinheiro como incentivo, depois combinaram um momento para serem levados a outros [insurgentes]<sup>8</sup>. A partir desse momento, muitos jovens já haviam aberto negócios ou atualizado suas lojas com dinheiro obtido do grupo. Assim foi o recrutamento do marido da nossa entrevistada e de outros jovens em Palma. Algumas destas pessoas, em Mocímboa da Praia, foram levadas para um campo secreto de treino militar em Mbau, no Posto Administrativo de Mbau<sup>9</sup>.

Quando os jovens começaram a saber que dinheiro era oferecido nas mesquitas, o número de membros aumentou, assim o grupo conseguiu atrair e enganar um número significativo de jovens em situação de vulnerabilidade em Palma, Mocímboa, Macomia e outras partes de Cabo Delgado. Até porque a maioria dos jovens está dividida entre pessoas com renda precária e pessoas sem nenhuma fonte ou perspectiva de renda. Consequentemente, muitos jovens acabaram envolvidos nesse esquema de dinheiro fácil e tiveram que se comprometer com a insurgência por temer por suas vidas.

As áreas de recrutamento nesta fase foram inicialmente nos distritos onde a maioria dos

4 Entrevistas em Mocímboa da Praia, Palma e Macomia.

5 Anónima 9MdP.

6 Anónimo 2P.

7 Anónimo 2P.

8 Anónimo 2 MdP.

9 Anónima 9MdP.

líderes eram locais em Cabo Delgado, como Mocímboa da Praia, Macomia e depois Palma, Nangade e Montepuez. Mas rapidamente o processo se expandiu para outros distritos, incluindo a capital Pemba e o distrito sul de Chiure (Habibe *et al.*, 2019: 12; Morier-Genoud, 2020: 402; CEEI, 2021: 21; Omar, 2022). Vários relatórios apontaram a pobreza e a falta de educação como a razão pela qual os jovens se juntaram ao grupo naquela época, mas as evidências mostram que empresários locais bem-sucedidos, funcionários públicos, pescadores e até mesmo jovens com diploma universitário juntaram-se ao grupo. Isso nos leva a pensar que o aliciamento financeiro, a ideia de ganhos monetários rápidos, tornou-se a principal razão pela qual muitos jovens deixaram seus empregos para ingressar no grupo. Especialmente sem plena consciência das consequências que a decisão traria.

Em relação à narrativa, o grupo tentava conquistar os corações e mentes de seus recrutas por meio da ideia de responder às questões de pobreza e falta de oportunidades para os jovens. Eles exortavam a população a se levantar contra as estruturas políticas e administrativas, aquelas que impedem os habitantes locais de acessar empregos, recursos e poder. Assim, o objetivo final seria de implementar a lei da *Sharia* localmente, o que começava por apelos para não idolatrar o presidente (Feijó, 2021; Habibe *et al.*, 2019; Omar, 2021). Esse objetivo estava a ser perseguido através de ataques ao Islão praticados localmente e suas autoridades; desencorajamento a educação formal; o desrespeito pelos princípios islâmicos locais através da permissão de casamentos sem o consentimento dos pais da menina; ao empunhar facas como símbolo da *jihad*; e incitação à violência (Morier-Genoud, 2020: 400).

## **b) De 2017 a 2021: antes da intervenção das forças internacionais**

Outubro de 2017 marcou o início dos ataques terroristas em Cabo Delgado. Apesar dos primeiros ataques terem sido conduzidos por cerca de trinta indivíduos<sup>10</sup>, é preciso reconhecer que as evidências dos trabalhos preparatórios discutidas anteriormente por vários autores revelam que o movimento já tinha tentáculos em outros distritos da mesma província e sua rede ultrapassava a capacidade de rastreio das autoridades.

Depois que a violência eclodiu, as táticas usuais de mobilização mudaram. Essas mudanças foram influenciadas pelas necessidades da insurgência em termos de combatentes, devido à resposta violenta do governo aos eventos. Nesse momento, os endividados com a insurgência foram forçados a pagar juntando-se ao grupo como soldados. Alguns destes até levaram as suas esposas e filhos junto para as matas, tal como partilharam as nossas fontes.

Enquanto o grupo crescia, foram sendo introduzidos recrutamentos forçados por meio de sequestros durante os ataques. Especialmente para mulheres e adolescentes com diferentes papéis na insurgência. Com frequência, os alvos já haviam sido previamente identificados, especialmente para as mulheres que mais tarde serviriam como esposas de insurgentes. Durante as entrevistas em Mocímboa da Praia, por exemplo, os testemunhos de algumas das vítimas e familiares de vítimas mencionaram conhecer os seus raptos, alguns dos quais frequentavam a mesma escola que as suas vítimas<sup>11</sup>. Às vezes, de forma mais aleatória, as pessoas eram capturadas nos seus campos agrícolas ou envolvidas em atividades de rotina, como acarretar água. Um detalhe sobre os recrutamentos forçados durante as incursões, é que a brutalidade, por meio de decapitações e outras formas de assassinato, foi usada para lidar com possível resistência dos recrutas. Em casos execio-

10 Veja <https://clubofmozambique.com/news/gunfire-continues-in-mocimboa-da-praia-aim/>. [Em linha]. [Consult. ago.2024]. Disponível em:

11 Anónimo 5M.

nais, algumas pessoas foram descartadas após serem sequestradas. Infelizmente, não foi possível explorar as condições em que tal ocorreu.

Nessa etapa, é importante notar que o grupo ia crescendo e ainda oferecendo benefícios financeiros aos jovens por ingressarem nele. Os recrutamentos também definiam como alvo pessoas que tivessem habilidades específicas, necessárias para a insurgência, como um jovem chamado Momade, que era um pescador habilidoso em Macomia e que foi recrutado para apoiar a navegação marítima do grupo, ou o jovem recém-licenciado em jornalismo pela maior universidade pública do país (Universidade Eduardo Mondlane), residente no Bairro do Cariáco, em Pemba, recrutado para ser responsável pela gestão da comunicação, informação e divulgação de mensagens, criação de grupos de WhatsApp e produção de vídeos (Omar, 2022).

Foi nesta fase que começou a tornar-se comum a polícia denunciar jovens sendo transportados de Nampula e outras regiões de Moçambique para Cabo Delgado sem agenda clara, bem como pessoas presas por suspeita de realizar recrutamentos para a insurgência<sup>12</sup>. Assim, não só o grupo continuou a conseguir encontrar pessoas dispostas a juntar-se a eles por dinheiro, como também jovens de Nampula (Angoche, Mossuril, Nacala-a-Porto, Nacala-a-Velha e Memba)<sup>13</sup> e Niassa (Lago, Sanga e Mecula) são acusados de tentar juntar-se à insurgência (Forquilha & Pereira, 2021). Nesta fase, parece que o grupo ainda é muito capaz de recrutar pessoas. Alguns relatos apontam que cerca de trezentas pessoas foram recrutadas em meados de 2020, só na aldeia de Pangane, no Posto Administrativo de Mucojo, no Distrito de Macomia (Omar, 2022). Os dados sobre esse evento carecem de validação, mas o crescimento do número de membros do grupo é corroborado pela sua capacidade de assumir o controlo de Mocímbo da Praia e lançar o ataque em Palma em março de 2021, atingindo o ponto mais alto da insurgência em termos de controle territorial, letalidade e número de combatentes. Este impulso na insurgência foi dado após o juramento de lealdade ao Estado Islâmico ou ISIS em 2019. Outra característica importante nesta fase é a radicalização das crianças. Muitas das crianças que estavam sendo radicalizadas foram sequestradas durante algumas incursões e outras foram levadas para a insurgência por seus pais. A radicalização das crianças seria preparada logo após a sua entrada no grupo e as crianças seriam divididas em dois grupos, com menos de 10 anos e com mais de 10 anos<sup>14</sup>. O primeiro grupo seria instruído no Alcorão e o segundo receberia treinamento militar envolvendo práticas extremistas específicas, como perder medo de adultos e ensinamentos de como tirar vida de outras crianças com recurso a armas brancas<sup>15</sup>.

### c) Meados de 2021 a dezembro de 2023: a deserção

A partir de meados de 2021, em julho, acontece uma mudança muito importante na dinâmica da violência e que acabou impactando a capacidade de mobilização para a insurgência - Moçambique passa a contar com a SAMIM e as Forças do Ruanda. Estes atores

12 Veja. [Em linha]. Disponível em: <https://opais.co.mz/bernardino-rafael-reforca-tese-de-haver-recrutamento-de-jovens-em-nampula-para-cabo-delgado/>.

13 Em Nampula as pessoas recrutadas eram pescadores comuns dos bairros costeiros dos distritos costeiros que costumavam pescar em Mocímbo da Praia, em busca de melhores capturas. Alguns foram atraídos para o mar e outros foram recrutados à força. As autoridades policiais mencionam que nestes bairros as pessoas escapavam facilmente ao controlo das autoridades porque saíam das suas casas diretamente para o mar e podiam facilmente desaparecer sem serem notadas.

14 Antigos membros da insurgência em Palma e Mocímbo da Praia, entrevistadas em fevereiro de 2024.

15 Idem.

e a contraparte moçambicana conseguiram atacar duramente o grupo, não só matando combatentes<sup>16</sup>, mas também exercendo um melhor controlo das regiões sob a sua responsabilidade através de uma melhor inteligência, controlo marítimo e dissuasão, comprometendo assim a logística do grupo e forçando-os a uma pobreza profunda. Durante as operações militares dessas forças, muitas pessoas conseguiram escapar da insurgência. Algumas de nossas fontes apontaram ter escapado quando as bases de Mbau e Chai foram atacadas por forças ruandesas, por exemplo. O Ministério da Defesa do Ruanda partilhou em fevereiro de 2022 que capturou esconderijos de terroristas em Nhica do Ruvuma e Pundandar, a oeste de Palma, e libertou pelo menos dezassete civis<sup>17</sup>.

Em muitas ocasiões, as nossas entrevistas apontam para pessoas que conseguiram escapar com a ajuda de membros do grupo, e outras, principalmente mulheres, mencionam ter fugido quando foram enviadas em missões para roubar alimentos em algumas comunidades. Foi nesta fase que o Presidente Nyusi concedeu um indulto a 64 pessoas suspeitas de fazerem parte do grupo, depois de terem sido capturadas em campos terroristas, entre mulheres e crianças<sup>18</sup>. Foi também nesta fase que muitas bases terroristas foram sendo desmanteladas, incluindo a Base de Kathupa, em Macomia, uma das mais importantes após o desmantelamento da Base de Mbau. A desmobilização será discutida mais tarde, mas foi uma característica forte deste momento. Tanto que um relatório do Conselho de Segurança da ONU aponta que os números caíram de 2500 combatentes para cerca de 280 em fevereiro de 2023<sup>19</sup>, o que também implicou uma redução no número de ataques no período subsequente, como partilha o relatório do Observatório do Conflito, Cabo Ligado<sup>20</sup>. Foi nesta onda de batalhas perdidas que a insurgência perdeu Ibn Omar, o líder militar do grupo em combate.

De modo geral, o grupo começou a ter dificuldades em manter os seus membros. A percepção de que a insurgência poderia ser um empreendimento mau, na verdade, um problema, atinge muitos membros dentro do grupo. A destruição observada nas comunidades onde o recrutamento aconteceu, a mão pesada das forças de defesa e segurança sobre as pessoas supostamente associadas à insurgência, o sofrimento nas mãos dos insurgentes e a morte de indivíduos que se juntaram ao grupo, deixando crianças órfãs dentro do grupo, são particularmente importantes no processo de despertar.

#### **d) Depois de dezembro de 2023: novas tendências?**

Depois de alguns meses de relativa estabilidade, em dezembro de 2023 houve o ressurgimento de ataques contemplando áreas novas, o que pode sinalizar uma mudança nos padrões de recrutamento. Deste modo os insurgentes começaram a conduzir ataques em

16 Em setembro de 2021, após poucos meses de intervenção, SAMIM reportou a morte de 17 insurgentes depois de destruir a Base de Chitama, no Distrito de Nangade. [Em linha]. Disponível em <https://www.theeastafrican.co.ke/tea/rest-of-africa/sadc-forces-kill-17-terrorists-in-mozambique-3564062>.

17 Veja Ministério de Defesa do Ruanda. [Em linha]. Disponível em: <https://www.mod.gov.rw/news-detail/rwanda-security-forces-rsf-and-forcas-armadas-de-defensa-de-mocambique-fadm-dismantle-new-terrorist-hideouts>.

18 Veja. [Em linha]. Disponível em: <https://www.voaportugues.com/a/cabo-delgado-nyusi-concede-indulto-a-mais-de-60-suspeitos-terroristas/6756822.html>.

19 Veja. [Em linha]. Disponível em: <https://www.securitycouncilreport.org/atf/cf/%7B65BFCF9B-6D27-4E9C-8CD3-CF6E4FF96FF9%7D/N2303891.pdf>.

20 Veja. [Em linha]. Disponível em: <https://www.cabologado.com/monthly-reports/cabo-ligado-monthly-january-2024>.

Chiúre<sup>21</sup>, no extremo sul da província de Cabo Delgado, fugindo do padrão regular de ataques em que os distritos de maior concentração estavam a Noroeste da província. Nos ataques a Chiúre, algumas pessoas foram raptadas<sup>22</sup>. Um fator chave neste ressurgimento foi a comunicação sobre a retirada progressiva das forças da SAMIM em Cabo Delgado e que foi gerando vazios de segurança em distritos como Macomia, que estavam sob responsabilidade da SAMIM, para onde o grupo depois foi se reagrupar.

Um elemento que persiste no processo de recrutamento é o secretismo, uma vez que as pessoas continuam a ser intercetadas em movimento de Nampula para oportunidades de trabalho não claras em Cabo Delgado. Quando as autoridades investigam profundamente e vão atrás dos intermediários dessas oportunidades, todas as pistas desaparecem. É o caso de dois jovens de Nacala Porto que, segundo o Comandante Distrital da Polícia de Nacala Porto, foram intercetados em Eráti, Distrito fronteiriço de Nampula com Cabo Delgado, a ir fazer trabalho de pedreiro em Cabo Delgado, mas não sabiam quem os havia contratado e nem o motorista sabia quem estava a pagar pelo serviço de transporte, senão que foi combinado tudo por telefone. Quando se investiga a pista, ela depois desaparece<sup>23</sup>. Nesta fase, o grupo tenta adotar uma estratégia de mentes e corações em alguns pontos, como aconteceu na Vila de Tandanhague onde depois de atacar pediam para que a comunidade estivesse tranquila porque não pretendiam recrutar ninguém à força, quem quisesse se juntar teria que fazê-lo de forma voluntária<sup>24</sup>. Nossas fontes revelaram que no processo dois jovens e uma criança se uniram ao grupo.

Crianças como parte dos ataques tornou-se um elemento marcante desta fase da insurgência. A Human Rights Watch refere que o grupo usou Crianças no ataque de maio de 2024 em Macomia para saques<sup>25</sup>. Em propaganda recente, o ISIS mostrou fotos e vídeos de crianças segurando armas em Cabo Delgado. Em março de 2024, pelo menos setenta e duas crianças foram dadas como desaparecidas após os ataques em Chiure<sup>26</sup>. Isso confirma as informações sobre a radicalização das crianças dentro da insurgência que diferentes fontes vinham compartilhando nos últimos tempos.

De forma resumida, o processo de mobilização ou engajamento à insurgência em Cabo Delgado revelou ser um processo adaptativo e altamente influenciado pela capacidade de prover segurança por parte do Estado e dos seus parceiros militares. Nesta adaptação, os insurgentes vêm mostrando uma transição em que começaram a confiar cada vez mais responsabilidades da insurgência a crianças, passam a incorporar estratégias de conquista de mentes e corações e têm tentado sofisticar os seus métodos de recrutamento de modo que não sejam facilmente detetados pelas autoridades policiais. Abaixo pode-se ver resumido o processo de mobilização de acordo com cada fase.

21 Veja. [Em linha] [Consult. 08.2024]. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/insurgentes-matam-quatro-pessoas-e-destroem-infraestruturas-em-chiúre/a-68297756>.

22 Veja. [Em linha]. Disponível em: <https://www.voaportugues.com/a/cabo-delgado-insurgentes-raptam-pessoas-e-queimam-três-aldeias-em-chiure/7482435.html>.

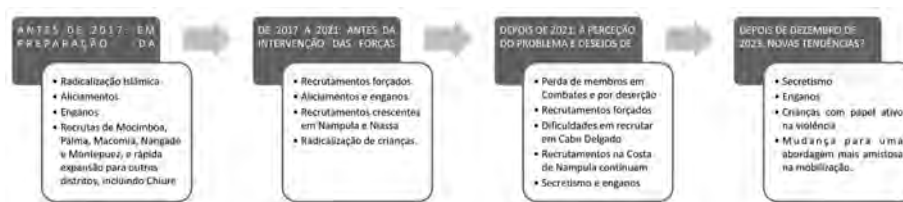
23 Sigáúque – Comandante Distrital da Polícia de Nacla Porto, entrevistado em Maio de 2024.

24 Duas Testemunhas oculares entrevistadas em Pemba em maio de 2024.

25 Veja. [Em linha]. [Consult. 07.2024]. Disponível em: <https://www.rfi.fr/pt/programas/convidado/20240515-h-rw-denuncia-a-utilização-de-crianças-soldados-no-ataque-contra-macomia-em-cabo-delgado>.

26 Veja. [Em linha]. [Consult. ago.2024]. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/cabo-delgado-72-crianças-desaparecidas-em-chiure/a-68435713>.

### Ilustração 01 - Evolução da Mobilização ao Extremismo Violento em Cabo Delgado



Fonte: Elaborado pelo autor.

### Da mobilização à Vitimização dos membros da insurgência

Na secção anterior foi apresentada a forma como as pessoas foram sendo mobilizadas para a insurgência em Cabo Delgado ao longo dos anos, bem como os pontos de viragem e os fatores determinantes na oscilação e mudança do processo de mobilização. Igualmente, foi possível verificar que ainda que o grupo tenha conseguido mobilizar massivamente para as suas fileiras entre 2017 e 2020, depois deste período houve uma redução substancial do número de membros da insurgência. Nesta secção são discutidas as razões determinantes desta perda de interesse dos membros ou aparente desmobilização.

De modo geral, o abandono da insurgência por parte de seus membros é um tópico que atrai pesquisadores de diferentes campos. Na Psicologia há quem poderia discutir o processo em termos de desradicalização, em estudos de Segurança ou Estratégicos há quem usaria o conceito de deserção e há tantos outros que prefeririam tratar o mesmo assunto como desengajamento ou até desmobilização. A diferença essencial entre estes conceitos é que, de acordo com Chowdhury e Hearne (2008: 3) o desengajamento refere-se a uma mudança comportamental através da renúncia à violência, sem necessariamente mudar os valores ou ideais que alimentaram a associação inicial a esta. A desradicalização, por sua vez, implica uma mudança cognitiva ou uma mudança fundamental na compreensão dos elementos justificativos da violência. Tal mudança pode ser desencadeada por experiências traumáticas que colocam em causa a coerência de uma certa visão do mundo ou da lógica de violência. Deste modo, abrindo-se a novas ideias e perspetivas sobre a vida e a sociedade. De forma resumida, desengajamento seria abandonar comportamentos ou atitudes extremistas e desradicalização seria o abandono de crenças extremistas (Glazard, 2022: 1). Este autor coloca ênfase no facto de que tais processos podem acontecer de forma espontânea ou por força das circunstâncias.

Por outro lado, a desmobilização é frequentemente vista como parte da ideia tripartida de Desarmamento, Desmobilização e Reintegração (DDR), referindo-se à dispensa formal e controlada de combatentes ativos das forças armadas ou de outros grupos armados (Torjesen, 2009: 412). O processo também pode ser expandido para explicar o abandono dos esforços de guerra e o retorno à vida civil em grupos subversivos ou insurgentes. A desmobilização quando ocorre em forças formais, ilegalmente, é chamada de deserção (Richards, 2013: 1). Entretanto, é preciso reconhecer que o abandono da insurgência sem conhecimento da organização interna do grupo pode também ser definido como deserção. Portanto, a desmobilização, como um conceito mais amplo, pode ser por via da des-

radicalização, do desengajamento ou até da deserção. Embora a característica mais evidente, pelo menos no contexto moçambicano, seja por deserção.

A literatura sobre o que leva os indivíduos a abandonar empreitadas extremistas coloca ênfase em fatores conhecidos como *push and pull*. Os primeiros têm a ver com as condições gerais do ambiente social dentro do grupo, que podem estar relacionados a desilusão com a liderança ou às atividades do grupo, repulsa a atos violentos ou stress e exaustão por viver uma vida clandestina. Os segundos, os fatores de atração ou *pull*, incluem o desejo por uma vida “normal”, que pode ser ativado pelo *aumento da idade, pressão de parceiros e famílias ou desejo de se envolver em ocupações alternativas menos ameaçadoras para as perspectivas socioeconômicas de longo prazo* (Chowdhury & Hearne, 2008: 3; Glazard, 2022: 3). No caso das *Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia* (FARC), por exemplo, traumas pessoais por perda de amigos ou colegas em combates, desilusão com a liderança do grupo, stress ou exaustão com o estilo de vida no grupo, o desejo por uma vida civil normal que inclui abraçar uma carreira ou iniciar uma família, bem como pressão de amigos e família estão entre os fatores destacados no processo de desmobilização (Chowdhury & Hearne, 2008).

No norte de Moçambique, os dados recolhidos sobre a desmobilização de atividades extremistas apontam a intervenção das forças internacionais em 2021 como o principal ponto de inflexão. Essa intervenção, que foi severa contra a insurgência, criou condições que dificultaram a permanência dos membros no grupo. Primeiro, porque os insurgentes passaram a ser forçados a uma mobilidade constante, movendo-se após cada ataque a uma base, muitas vezes em condições adversas, como atravessar matas densas com crianças. Segundo, as linhas de logística foram gravemente comprometidas, resultando em um estado de escassez entre os insurgentes, o que comprometia a sua imagem de provedor diante dos seus membros. Terceiro, e mais importante, houve a eliminação física de vários combatentes, incluindo líderes, gerando luto e diminuindo a capacidade de resistência aos ataques. Adicionalmente, as evidências apontam também para o aumento de desavenças internas entre a liderança militar e espiritual do grupo devido às derrotas em batalhas, colocando em causa o seu sentido de coesão diante dos membros. Assim, as circunstâncias impostas pela intervenção militar tornaram a permanência no grupo extremamente perigosa para os seus membros.

Durante entrevistas em Mocímboa da Praia, Palma e Macomia, procurou-se capturar esses fatores *push and pull* por detrás da desmobilização. Em quase todas as entrevistas realizadas nestes distritos são apontadas as mesmas causas para a deserção do grupo. Muitas destas causas não estão relacionadas ao desalinhamento entre as ações do grupo e as crenças particulares ou privadas dos desertores, mas sim a uma desilusão com as condições gerais de permanência no grupo agravadas pelos ataques da coligação de forças. Como a mãe de uma das desertoras compartilhou, *minha filha fugiu porque estava sofrendo, estava comendo mal e havia muitas doenças, violações sexuais, violações físicas e trabalho forçado... minha outra filha havia morrido de anemia aguda no grupo por causa disso*<sup>27</sup>.

Esta informação é corroborada por outros testemunhos que mencionam, adicionalmente, a falta de abrigo e serviços de saúde para cuidar dos membros, falta de assistência médica em situações de enfermidades e a propagação de doenças. Os problemas nutricionais eram tão agudos que *muitas vezes recorriam a tubérculos e frutos silvestres, bananas verdes, carne de porco e até carne de hiena para alimentação, pois já não recebiam apoio em produtos alimentares*<sup>28</sup>. Essa situação levou as mães a testemunhar regularmente a morte

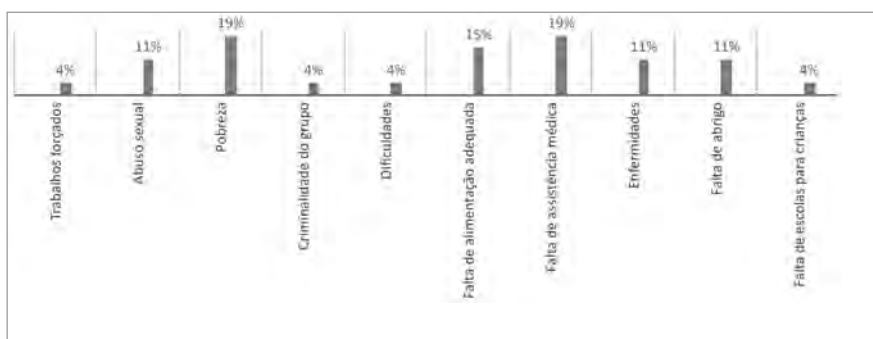
27 Mãe de Desertora da Insurgência.

28 Anónimo 4M.

dos seus filhos que, em alguns casos, comiam areia, especialmente as crianças que ficaram órfãs na insurgência e não tinham ninguém para cuidar delas.

Agravando o quadro de penúria registado no grupo os nossos informantes mencionavam também situações recorrentes de abusos sexuais, alimentadas pelo princípio de que a única responsabilidade das mulheres internamente, e supostamente “mais privilegiadas”, era buscar ou roubar alimentos nas plantações locais e satisfazer sexualmente as necessidades dos homens. As mulheres que se recusassem corriam o risco de ser mortas<sup>29</sup>. No mesmo pacote de violações, os insurgentes casavam forçosamente as mulheres raptadas e, nalguns outros casos, *quando um gostasse da mulher do outro poderia comprá-la por um valor que variava entre 200 000 a 300 000 meticais*<sup>30</sup>. O gráfico a seguir representa os problemas mais frequentes relatados durante as entrevistas.

Ilustração 02 - Motivos para desmobilização



Fonte: Produzido pelo autor.

Com base no gráfico anterior, é possível perceber que, entre vários motivos, a falta de assistência médica e a pobreza no grupo se destacam como as questões mais referenciadas durante as entrevistas, seguidas pela falta de alimentação adequada, situações de abuso sexual, doenças ou enfermidades, falta de abrigo e de escolas, bem como trabalhos forçados. Portanto, as condições degradantes, contrárias às inicialmente prometidas e vividas no grupo, têm sido decisivas no processo de desmobilização. Nos últimos tempos, o saque e a extorsão de empresas e motoristas locais<sup>31</sup> mostram uma perda considerável da capacidade financeira do grupo e o uso do banditismo como estratégia de sobrevivência. Essa perda de capacidade valida os testemunhos sobre o sofrimento registado internamente em termos de acesso a meios de subsistência.

Outro elemento que reforça a condição de vítima dos membros da insurgência tem a ver com o tratamento que é dado às crianças no grupo através da sua desumanização por via dos métodos de radicalização de menores empregues. Primeiro, o grupo impõe um treinamento militar de 3 meses a crianças a partir dos 10 anos de idade – durante tais treinamentos

29 Anónimo 3MdP.

30 Idem.

31 Veja. [Em linha]. Disponível em: em <https://www.dw.com/pt-002/cabo-delgado-terroristas-atacam-estradas-e-raptam-motorista/a-68231464>.

as crianças são ensinadas a matar outra criança usando faca<sup>32</sup>, a consumir drogas<sup>33</sup>, bem como beber sangue e comer carne humana<sup>34</sup>; e segundo, pela obrigatoriedade de participar nos ataques logo após o treinamento<sup>35</sup>, o que as expõe a riscos de vida. Deste modo, alienando o futuro das crianças expostas a violência.

No caso das pessoas que se juntaram involuntariamente, ou que foram raptadas para a insurgência, sempre tentaram escapar dela, tal como partilharam as nossas fontes. Algumas das pessoas entrevistadas conseguiram escapar com a ajuda de membros do grupo, arriscando até mesmo duras consequências por ajudar os desertores. Alguns outros o fizeram durante operações das forças de segurança e defesa moçambicanas e seus aliados, conforme compartilhado anteriormente. Estes dados corroboram a literatura sobre a mobilização forçada, que refere que os membros de grupos insurgentes coagidos tendem a usar o calor da batalha para escapar, o que às vezes força a liderança dos grupos a manter um permanente policiamento destes de modo a minimizar os riscos de deserção (Eck, 2014: 365).

Deste modo, pode-se considerar que os fatores de repulsão ou *push* mostram-se mais determinantes no processo de desmobilização no Norte de Moçambique do que os fatores de atração. O peso destes fatores sobre os outros deve-se à não mudança das condições estruturais e gerais de vida que empurraram as pessoas à insurgência antes e depois de 2017, que têm a ver com a pobreza extrema caracterizada pelos altos níveis de desemprego e marginalização social. Esta conclusão é reforçada pelo facto de que localmente ainda se reconhece que a serem oferecidos os benefícios iniciais que levaram a que muitos terminassem nas fileiras do grupo, muitos jovens locais estariam dispostos a se juntar a este grupo ou outro que ofereça o mesmo tipo de incentivos<sup>36</sup>.

## Considerações finais

A insurgência verificada no Norte de Moçambique desde outubro de 2017 é um fenómeno que notabilizou-se por um forte processo de mobilização caracterizada numa primeira fase pela radicalização dos primeiros recrutas, mas que evoluiu rapidamente para aliciamentos e enganos. O ponto de quebra da tendência crescente de mobilização foi com a entrada das forças do Ruanda e do SAMIM no território moçambicano. Estas forças, coordenadas pelas forças moçambicanas, conseguiram infringir danos graves à insurgência através dos cortes impostos na logística do grupo, assim como através dos ataques diretos que o grupo sofria, forçando o mesmo a uma mobilidade permanente e a uma dificuldade em prover condições logísticas para a sobrevivência dos seus membros. Isto para além da perda de combatentes durante as operações destas forças. Deste modo, levando a um processo de desmobilização massivo.

Entretanto, a ação dos atores externos apenas agravou um quadro acentuado de violência que os membros do grupo já viviam, com destaque para as mulheres e crianças. De tal forma que dentre as razões mais salientes apontadas para desmobilização destacam-se questões de pobreza no grupo, falta de alimentação adequada, falta de assistência médica, abusos sexuais, falta de abrigo, etc. Quando visto numa lógica de fatores *push and pull*, percebe-se que o sofrimento registado no grupo e que acelerou o desejo do abandono corrobora o conhecimento apresentado na literatura sobre as condições gerais que levam os membros a desmobilização em grupos insurgentes ou rebeldes.

32 Anónimo 1M.

33 Anónimo 4M.

34 Anónimo 6M.

35 Anónima 3MdP.

36 Anónimo 2M.

## Referências bibliográficas

- CEEI (2021), *Dinâmicas de Extremismo Violento no Norte de Moçambique: Mecanismos de Prevenção e Combate*. CEEI-UJC.
- Chichava, Sérgio (2023), *Jorginho: breve história de um jovem makonde muçulmano do Al Shabaab*. Ideias – IESE, Boletim n.º 151E. [Em linha]. Disponível em: [https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2023/04/Ideias\\_151E-SC.pdf](https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2023/04/Ideias_151E-SC.pdf).
- Chowdhury, Naureen & Hearne, Ellie B. (2008), *Beyond Terrorism: Deradicalization and Disengagement from Violent Extremism*, International Peace Institute. [Em linha]. Disponível em: <https://www.ipinst.org/wp-content/uploads/publications/beter.pdf>.
- Eck, Kristine (2014), *Coercion in Rebel Recruitment*. Security Studies, n.º 23(2), pp. 364-398. [Em linha]. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09636412.2014.905368>.
- Feijó, João (2021), *From «faceless enemy» to the hypothesis of Dialogue: Identities, Pretensions and Channels of Communication with the Machababs*. OMR - Destaque Rural. Disponível em: <https://omrmz.org/wp-content/uploads/DR-130-Cabo-Delgado-Pt-e-Eng.pdf>.
- Forquilha, Salvador, & Pereira João (2021), *Afinal, não é só Cabo Delgado? Dinâmicas de Insurgência em Nampula e Niassa*. IESE. [Em linha]. Disponível em: [https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2021/03/ideias-138\\_SFJP.pdf](https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2021/03/ideias-138_SFJP.pdf).
- Glazzard, Andrew (2022), *Violent Extremist Disengagement and Reintegration: A Framework for Planning, Design and Evaluation of Programmatic Interventions*. Studies in Conflict & Terrorism, pp. 1-20. [Em linha]. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1057610X.2022.2098553>.
- Habibe, Saide, Forquilha, Salvador & Pereira, João (2019), *Islamic Radicalization in Northern Mozambique: The Case of Mocímboa da Praia*. IESE.
- International Crisis Group (2021), *Stemming the Insurrection in Mozambique’s Cabo Delgado*. International Crisis Group. [Em linha]. Disponível em: <https://www.crisisgroup.org/africa/southern-africa/mozambique/303-stemming-insurrection-mozambiques-cabo-delgado>.
- Lucey, Amanda & Patel, Jaynisha (2021), *Building Youth Resilience to Extremism in Mozambique: Perspectives from Cabo Delgado*. Institute for Justice and Reconciliation and Center for Democracy and Development.
- Maquenzi, Jerry & Feijó, João (2019), *Pobreza, Desigualdades e Conflitos no Norte de Cabo Delgado*. OMR – Observador Rural. [Em linha]. Disponível em: <https://omrmz.org/wp-content/uploads/OR-76-Conflitualidade-em-Cabo-Delgado.pdf>.
- Morier-Genoud, Eric (2020), The jihadi insurgency in Mozambique: origins, nature and beginning. *Journal of Eastern African Studies*, n.º 14(3), pp. 396-412. [Em linha]. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17531055.2020.1789271>.

- Omar, Omardine (2022, janeiro 21), *Os tentáculos do terrorismo em Cabo Delgado (II), A Carta de Moçambique*. [Em linha]. [Consult. 12.set.2024]. Disponível em: <https://cartamz.com/index.php/politica/item/9779-os-tentaculos-do-terrorismo-em-cabo-delgado-ii-analisa-omardine-omar>.
- (2021, dezembro 7), *Os tentáculos do terrorismo em Cabo Delgado (I), A Carta de Moçambique*. [Em linha]. [Consult. 12.set.2024]. Disponível em: <https://cartamz.com/index.php/politica/item/9455-os-tentaculos-do-terrorismo-em-cabo-delgado-i-por-omardine-omar>.
- Richards, Joanne (2013), Demobilization in the DRC: Armed Groups and the Role of Organizational Control. In: *Armed Actors Issue Brief* (Número 1, p. 4), Small Arms Survey.
- Rocca, Noemi M. (2017), *Mobilization and Radicalization Through Persuasion: Manipulative Techniques in ISIS' Propaganda, International Relations and Diplomacy*, n.º 5(11). [Em linha]. Disponível em <https://doi.org/10.17265/2328-2134/2017.11.003>
- Siteo, Rufino (2020), *Terrorismo em África: a presença da Ameaça em Moçambique*, Maputo: TPC Editora.
- Stern, Jéssica (2016), *Radicalization to Extremism and Mobilization to Violence, The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 668(1), pp. 102-117. [Em linha]. <https://doi.org/10.1177/0002716216673807>.
- Torjesen, Stina (2009), New Avenues for Research in the Study od DDR. In *Conflict, Security & Development*. Vol. 9, Issue 4, pp. 411-423. London: Routledge & Kings College.

